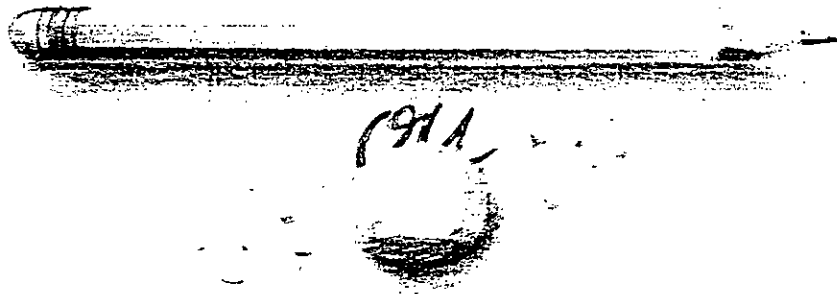
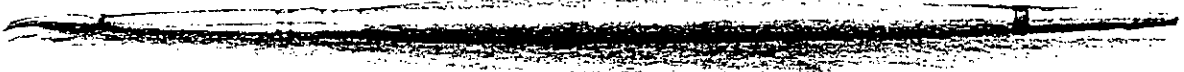


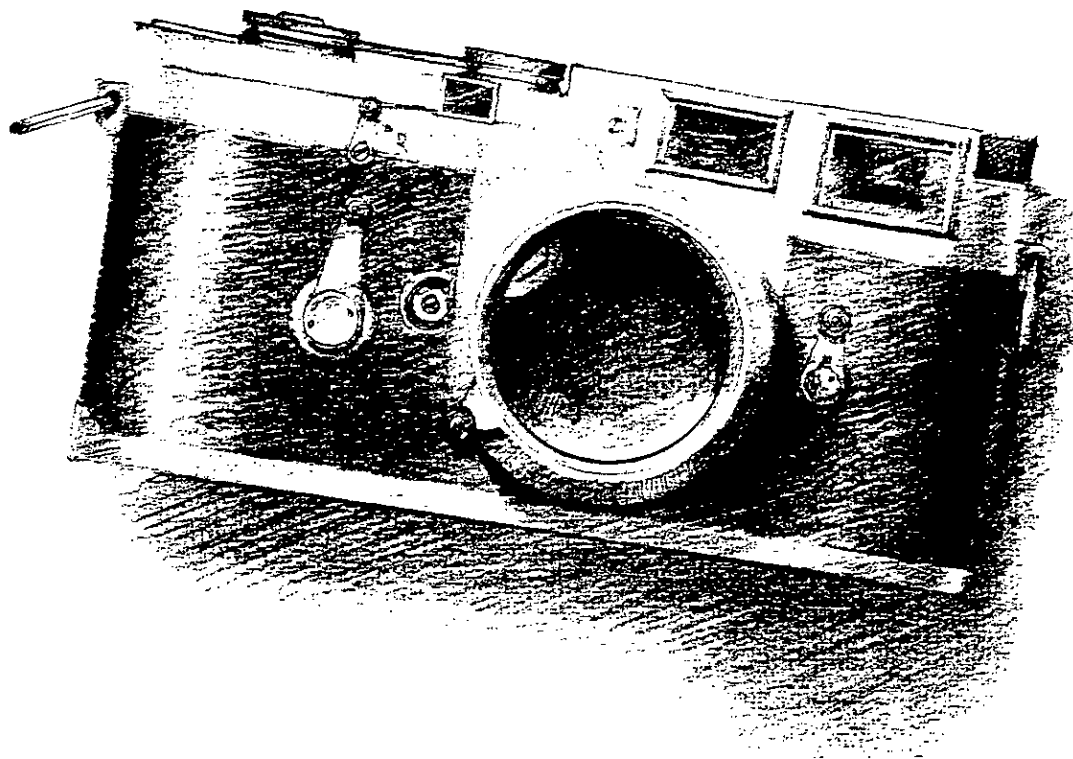
ESPECIAL DEZEMBRO 79

# ORA, APRENDA A LER TELEVISÃO, FOTOGRAFIA...



COMO UM PENSAMENTO  
CIBERNÉTICO PODE AJUDAR A  
EVITAR O FUTURO PÓS-HISTÓRICO  
QUE AS MÁQUINAS PARECEM ESTAR  
PREPARANDO PARA NÓS, POBRES  
MORTAIS.





**A**ntes de começar a ler este texto você olhou as imagens que o acompanham. Ou seja, na verdade é o texto que acompanha as ilustrações. Ou não é? Esta dúvida tem excitado alguns teóricos preocupados com um fenômeno característico de nossos dias: a super-valorização das imagens como forma de informação, em detrimento do texto.

Há muitos séculos o homem vem registrando por escrito seus desejos, suas realizações e lembranças. Recentemente, no entanto, o texto começou a perder seu lugar para as imagens. A fotografia, a televisão e os filmes passaram a compor a maior parte de nossas informações. Há até quem diga que estamos a caminho de um novo analfabetismo. Mas mesmo que isso seja verdade, é possível interpretar essa tendência não apenas

como um retrocesso, mas também como um desenvolvimento cultural inteiramente novo. A novidade está em que as imagens do mundo atual são diferentes das imagens tradicionais que reinavam antes da escrita, pois resultam de aparelhos fundados sobre a ciência moderna. São, portanto, posteriores ao texto.

E, assim como fomos obrigados a aprender a ler os pensamentos organizados em textos, talvez a saída esteja em aprendermos a ler esses mesmos pensamentos agora codificados em imagens. As imagens seriam, como alguém já disse, nem melhores nem piores que os textos, mas apenas fundamentalmente diferentes. Cabe aos interessados, nós, aprender a decifrá-las. Outra vez Édipo encontra-se frente à esfinge. Das outras vezes o enigma foi decifrado. E agora?

Não é por acaso que no auge da crise dos textos surge um novo tipo de imagem: a fotografia. A invenção da fotografia (e de todas as imagens técnicas subsequentes - TV, filme, vídeo) equivale em todos os seus aspectos à invenção da escrita linear ocorrida no que parece ser o auge da crise das imagens. Creio que os historiadores do futuro colocarão os dois eventos no mesmo nível, se é que haverá historiadores no futuro. Sob tal visão a humanidade aparecerá sob 3 formas: até aproximadamente 2000 a.C., no clima da magia; entre 2000 a.C. (invenção da escrita) e 1850 d.C. (invenção da fotografia), no clima da consciência histórica; e a partir dessa data em clima que ainda não tem nome (o qual, esperamos, não se chamará "clima de totalitarismo").

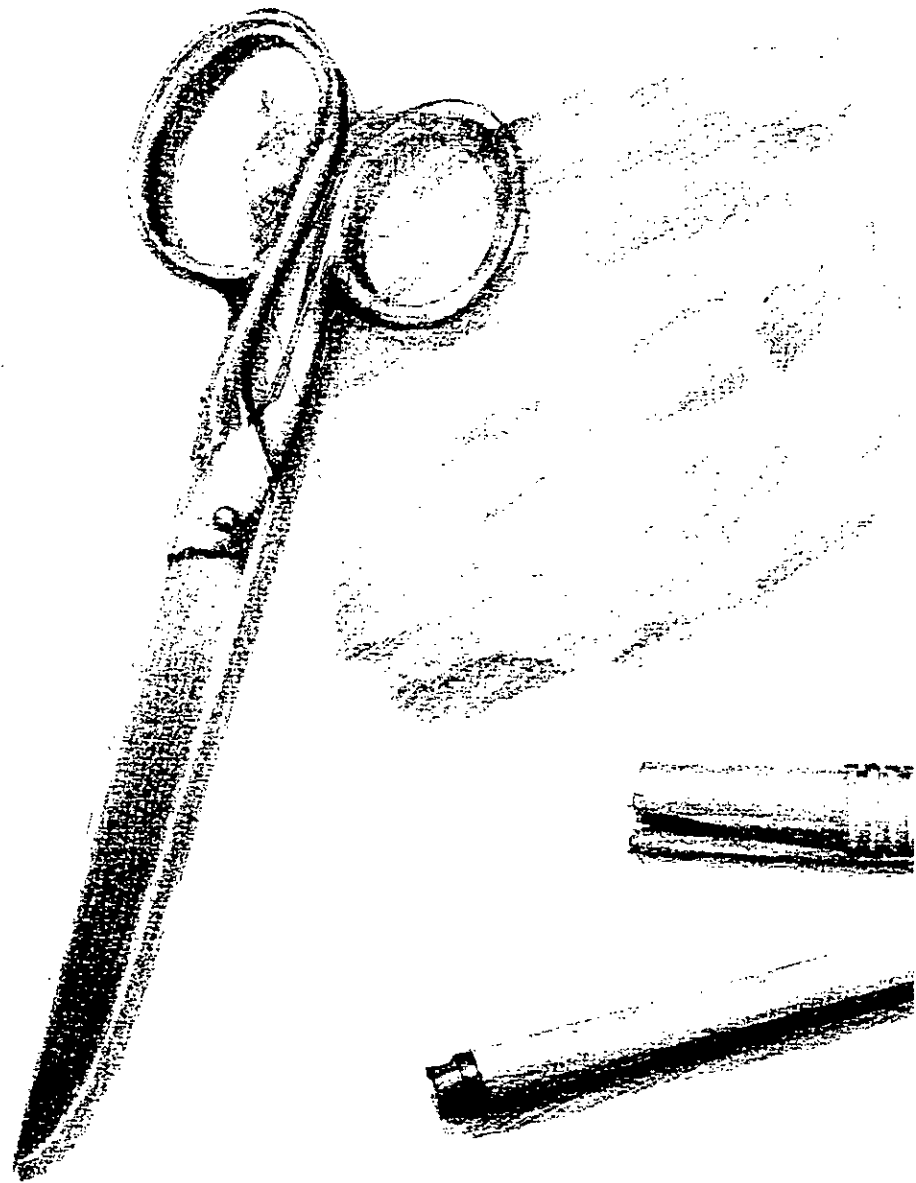
Não creio que possa haver dúvida quanto ao fato que estamos atualmente dando um salto que modifica o clima existencial da sociedade e do indivíduo que dela participa. A observação de inúmeros sintomas, e sobretudo da nossa circunstância cultural, a prova. Imagens são altamente as portadoras das mensagens mais importantes. O nosso ambiente se tornou colorido, e contrasta com o cinzento da época industrial na qual os textos que dominavam a cena eram impressos em preto e branco. Tudo em nosso redor, prédios tanto quanto cuecas, latas de sopa e anúncios luminosos, revistas ilustradas e programas de TV, "resplandece em technicolor". É a superfície das coisas que interessa, pois carrega mensagens. Mas isso não parece ser novo. Pelo contrário: parece ser um retorno à normalidade. Afinal, o cinzento cerebral da Idade Moderna, a feiúra sem igual da cidade industrial, são exceções. E se as nossas cidades (e não apenas as cidades) retomam o aspecto colorido e barulhento do gótico ou do renascimento (para nem falar da provável explosão de cores, sons e perfumes que deve ter caracterizado a cidade da Antiguidade), não há motivo para surpresas: a feiúra da razão discursiva se tornou insuportável.

Mas essa análise não é suficiente. Não estamos apenas presenciando um retorno à Idade Média e ao analfabetismo. As superfícies coloridas que carregam as mensagens a respeito do mundo, e que por isso mesmo modelam nossos comportamentos e nossos projetos, não são do mesmo tipo das

que cercavam os nossos antepassados medievais - tapetes, vitrais, mosaicos. Há diferenças óbvias. Por exemplo: as nossas imagens se movem e falam. No entanto, não são essas diferenças que constituem a radical novidade da situação em que nos encontramos. A novidade está no núcleo dessas imagens e isso as torna perigosamente atraentes.

Comparem a fotografia com o retrato desenhado. No caso da fotografia a imagem é o último elo de uma cadeia causal cujo primeiro elo é a pessoa mesma. Os raios de sol são refletidos no rosto, apanhados pela lente de um aparelho fotográfico, e por meio de processos químicos, se forma a fotografia. De modo que a fotografia é um efeito produzido pela pessoa. É uma relação semelhante à existente entre impressão digital e dedo. No re-

trato pintado não existe tal elo causal entre imagem e seu significado. A cadeia está interrompida pelo pintor que se intromete. De alguma forma ele absorve a cena a ser reproduzida, submete-a a um trabalho interior e exterior seu, e o retrato é o resultado desse trabalho. A fotografia é "sintoma" do rosto que significa, e a pintura é "símbolo" do rosto. Essa afirmação vale tanto para fotografia como para filmes, TV, vídeo, de modo que parece pouco razoável duvidar-se da sua veracidade. Elas não podem mentir. Quem assistiu a um programa de TV, viu com seus próprios olhos o evento, embora não o tivesse visto imediatamente: viu sintomas do evento. Duvidar do programa de TV é duvidar dos próprios olhos. Eis a radical novidade no núcleo das nossas imagens.





Textos são linhas que desenvolvem a mensagem ao longo de seu percurso, geralmente da esquerda para a direita. O leitor vai recebendo a mensagem na medida que segue a linha e a terá inteira apenas quando chegar ao fim. Todo elemento do texto é decifrado paulatinamente e, no fim da leitura, é feita a tentativa de sintetizar o decifrado. Portanto, decifrar textos é diametralmente oposto a decifrar imagens e tal inversão não é acaso. Foi precisamente para isto que a escrita linear foi inventada.

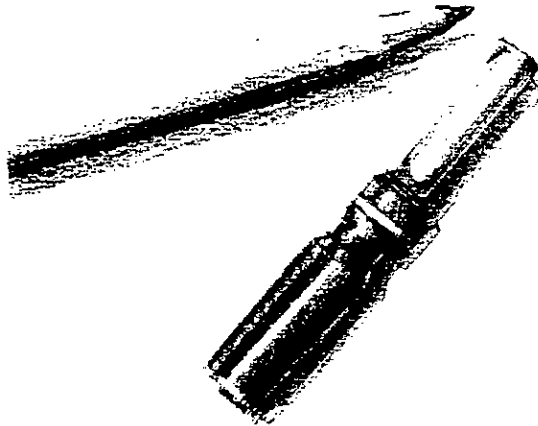
O texto faz com que a cena torne-se "processo". Quem lê textos segue com os olhos ao longo de um fluxo irreversível, do "passado" para o "futuro", o que é a descrição do "tempo linear", o da história progressiva. Se o significado da imagem é cena mágica, o do texto é processo histórico, e tal transformação da magia em história é o propósito da escrita. O texto "explica historicamente" a magia.

O propósito inicial dos textos é explicar imagens e isso era um fato até um passado recente, quando inverteu-se: atualmente os textos servem como "scripts" para serem transformados em imagens (filmes, TV). Antes de considerar essa reviravolta é necessário perguntar porque era preciso explicar imagens? Elas não são, por acaso, decifráveis sem necessidade de aprendizagem? O fato é que imagens são mediações entre o homem e o mundo, e, como tais, sujeitas a dialética nefasta. É verdade que elas representam o mundo concreto, mas não é menos verdade que ao fazê-lo substituem esse mundo. De modo que, toda imagem por funcionar como mapa para orientação no mundo, também funciona como biombo que impede a visão do que se passa atrás dele. Essa dialética nefasta vai se acentuando no curso da codificação por imagens. Elas se tornam cada vez mais opacas para o seu significado e os homens passam a viver sempre em função delas e as utilizam como instrumentos de orientação sempre menos. Em outros termos: a imaginação se transforma sempre mais em alucinação. Essa transformação de imagens em paredes opacas que condicionam o comportamento alucinatório de seus

consumidores é chamada, pelos profetas judeus, de "idolatria". E foi para combater idolatrias que a escrita foi inventada.

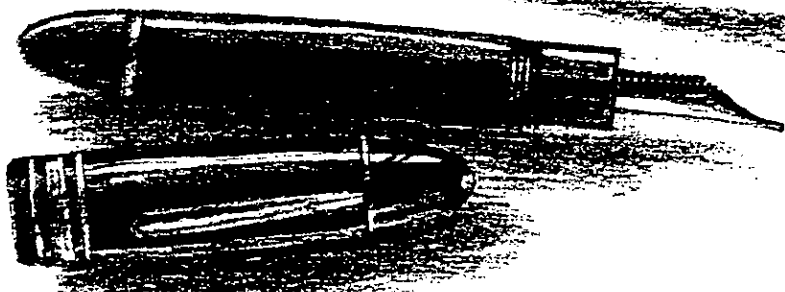
Mas o texto, tanto quanto a imagem, é mediação sujeita à mesma dialética nefasta. Ele é a mediação entre o homem e a imagem que se tornou opaca. Ao tentar explicá-la, se estabelece como seu substituto e tende a tornar-se denso, opaco e a inverter sua relação com o homem. Em vez de funcionar como mapa orientador, passa a modelar o comportamento do homem. Em vez do texto existir em função do homem, este passa a viver em função dos textos. Em vez de ser fiel ao mundo, o homem passa a ser fiel ao texto. Em vez do texto interpretar imagens para o homem, este passa a interpretar os textos e isso implica que as imagens passam a ser inimagináveis, isto é, existencialmente insignificantes.

Não que a reviravolta do texto contra o leitor, e a conseqüente paranóia, seja fenômeno novo. O monge escolástico, o talmudista, o professor alemão do século 19 que "analisava fontes", são exemplos de tal loucura tanto quanto o são os atuais doutorandos nas nossas universidades. O que é relativamente novo é a crescente desconfiança em textos. Em nível mais elevado essa perda de credibilidade se manifesta como crise da ciência, que é o texto mais característico e mais importante da Idade Moderna. E como não duvidar deles se os cientistas nos proibem expressamente de "imaginar" qualquer imagem que seja durante a sua leitura? Mas esse não é o verdadeiro impacto da perda de credibilidade dos textos. Durante a maior parte da história, os textos eram tão preciosos e raros quanto o são atualmente os originais das grandes obras de arte. Hoje, a maioria dos textos impressos é jogada no lixo imediatamente após a leitura. A massa de papel impresso alcança dimensões apocalípticas e ameaça nossas florestas de desaparecimento. Os títulos dos livros publicados anualmente levariam muitos anos para serem lidos (apenas os títulos, não os livros). A tendência é para que todos publiquem um livro e sejam os únicos leitores de tal livro.



Embora saibamos que isso é um fato, a relação entre a nova imagem e seu significado é totalmente enganadora. A afirmação de que não podem mentir é um engano deliberadamente provocado por elas. A explicação desse engano que é o propósito fundamental da nova imaginística, está na mediação existente entre imagem nova (tecno-imagem) e seu significado, que é o aparelho.

O aparelho é uma espécie do gênero "máquina", e a máquina é uma espécie do gênero "instrumento". Instrumentos são objetos manipulados por homens como se fossem extensões do corpo humano: o martelo é punho prolongado, a roda é perna aperfeiçoada. Máquinas são instrumentos que passaram pelo crivo de teorias científicas: o automóvel é carro de bois depurado pelas teorias cientí-



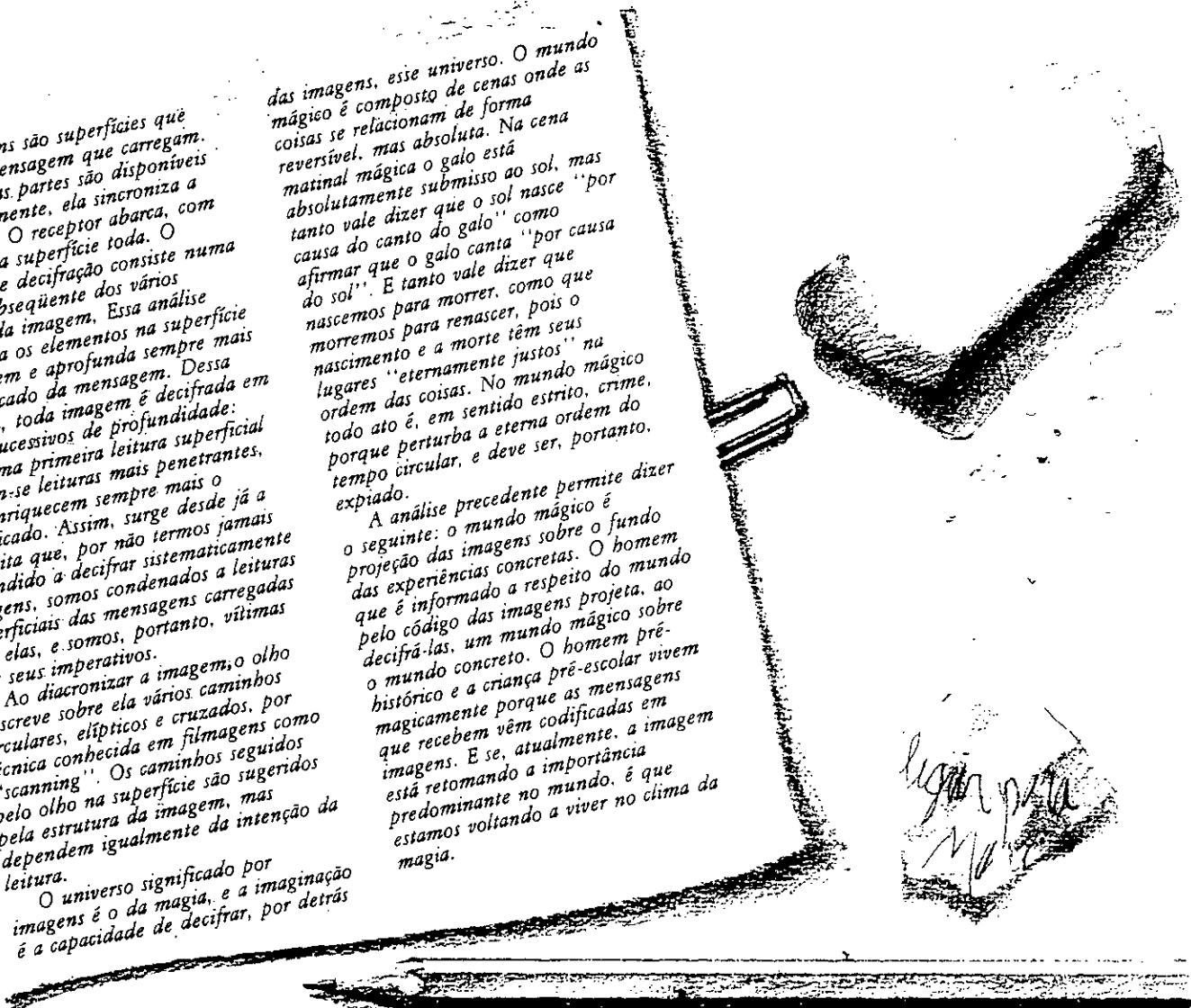
As imagens são superfícies que expõem a mensagem que carregam. Todas as suas partes são disponíveis simultaneamente, ela sincroniza a mensagem. O receptor abarca, com um olhar, a superfície toda. O trabalho de decifração consiste numa análise subsequente dos vários aspectos da imagem. Essa análise diacroniza os elementos na superfície da imagem e aprofunda sempre mais o significado da mensagem. Dessa maneira, toda imagem é decifrada em níveis sucessivos de profundidade: após uma primeira leitura superficial seguem-se leituras mais penetrantes, que enriquecem sempre mais o significado. Assim, surge desde já a suspeita que, por não termos jamais aprendido a decifrar sistematicamente imagens, somos condenados a leituras superficiais das mensagens carregadas por elas, e somos, portanto, vítimas dos seus imperativos.

Ao diacronizar a imagem, o olho descreve sobre ela vários caminhos circulares, elípticos e cruzados, por técnica conhecida em filmagens como "scanning". Os caminhos seguidos pelo olho na superfície são sugeridos pela estrutura da imagem, mas dependem igualmente da intenção da leitura.

O universo significado por imagens é o da magia, e a imaginação é a capacidade de decifrar, por detrás

das imagens, esse universo. O mundo mágico é composto de cenas onde as coisas se relacionam de forma reversível, mas absoluta. Na cena matinal mágica o galo está absolutamente submisso ao sol, mas tanto vale dizer que o sol nasce "por causa do canto do galo" como afirmar que o galo canta "por causa do sol". E tanto vale dizer que nascemos para morrer, como que morreremos para renascer, pois o nascimento e a morte têm seus lugares "eternamente justos" na ordem das coisas. No mundo mágico todo ato é, em sentido estrito, crime, porque perturba a eterna ordem do tempo circular, e deve ser, portanto, expiado.

A análise precedente permite dizer o seguinte: o mundo mágico é projeção das imagens sobre o fundo das experiências concretas. O homem que é informado a respeito do mundo pelo código das imagens projeta, ao decifrá-las, um mundo mágico sobre o mundo concreto. O homem pré-histórico e a criança pré-escolar vivem magicamente porque as mensagens que recebem vêm codificadas em imagens. E se, atualmente, a imagem está retomando a importância predominante no mundo, é que estamos voltando a viver no clima da magia.



ficas. Aparelhos são máquinas que visam produzir significados: o aparelho administrativo visa dar significado à vida dos administrados, o aparelho fotográfico visa dar significado às cenas que fotografa. Resumindo: aparelhos são instrumentos que passaram pelo crivo de teorias para fabricarem significados, ou, aparelhos são máquinas que não visam tanto mudar o mundo quanto dar-lhe significado.

Mas essa definição de aparelho não basta para quem quiser captar a sua essência. É preciso considerar que aparelhos são máquinas funcionalmente tão complexas que praticamente ninguém compreende o seu funcionamento. O telespectador não sabe como funciona o aparelho de TV, o electricista que o conserta não sabe o que está fazendo; o engenheiro que o produziu tem apenas noções aproximadas dos princípios que o regem, e até o inventor do aparelho tem suas dúvidas quanto às razões fundamentais do seu funcionamento. Tais sistemas são melhor controlados quanto é abandonada a tentativa de compreender melhor seus detalhes e quanto é concentrado o controle sobre o que entra e sai

("input" e "output"). Aparelhos, enfim, são caixas pretas.

A pretidão dessas caixas, não se esclarece pelo fato de que há gente no meio delas, pois os aparelhos são máquinas que contêm, além de elementos inorgânicos, também elementos humanos, os "funcionários". E, embora tais funcionários sejam em certo sentido gente como nós, a sua presença no interior da caixa não esclarece a pretidão, nem para nós, nem para eles próprios. O funcionário não transcende o aparelho. Na verdade, existe em função das funções que exerce dentro do aparelho, e tal correria funcional não é, a rigor, "vida", mas "carreira". Além do que o horizonte existencial do funcionário não é, como o nosso, a morte, mas a aposentadoria. E se o funcionário assumir o poder dentro e graças ao aparelho, o resultado não será um poder político (valorativo), mas "burocrático" (poder que não visa mudar o mundo, mas dar-lhe significado). De forma que o funcionário é existencialmente incapaz para esclarecer o aparelho: é, ele próprio, aspecto do aparelho.

Ilustremos a tese pela TV, em que o aparelho se revela em três níveis: transforma textos em imagens, gente em funcionários aposentados, e materiais em lixo. O importante a notar em tal esquema é que a produção de tecno-imagens (propósito declarado do aparelho) não é a sua função decisiva. As tecno-imagens que produzem programas de TV - se destinam sobretudo aos funcionários aposentados deste e de outros aparelhos. De maneira que a sua função se revela circular: produz imagens para funcionários, e produz funcionários para as imagens. Em outros termos, o propósito fundamental do aparelho é ele próprio. Circularidade que evoca, e "pour cause", o mundo da magia já discutido. Sob tal esquema, o aparelho é visto como devorador de textos lineares e de ações, em suma, da história, e como projetor de programas em tecno-imagens e de consumidores, em suma, de pós-história.

Ao nível da consciência mágica o homem procura imaginar a vivência concreta para desalienar-se. Ao nível da consciência histórica ele procura conceber imagens para redescobrir a



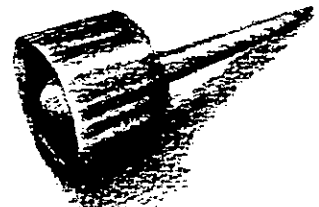
vivência concreta. Ao nível da consciência pós-histórica deveríamos poder imaginar conceitos a fim de retomar contato com o universo significado por textos. É verdade que ainda não o conseguimos, mas isso se deve ao fato de não termos desenvolvido tecno-imaginação suficientemente poderosa para utilizarmos as tecno-imagens apropriadamente. Em outros termos isso significa que a nossa consciência pós-histórica está ainda subdesenvolvida.

O esquema proposto não se quer apenas corte vertical no passado da humanidade, mas também da nossa consciência. No fundo pensamos ainda magicamente, e as várias ideologias do tipo fascista estão aí para provar. Raras vezes e precariamente conseguimos elevar-nos a nível histórico da consciência e raciocinar disciplinadamente. Mas está despertando em nós, em momentos fugazes e dificilmente agarráveis, um novo nível de consciência, no qual pensamos formalmente, estruturalmente, ciberneticamente. Esse nível tão fugaz, mas cuja efetividade podemos constatar não apenas dentro do nosso íntimo, mas

em muitos fenômenos exteriores é o que é chamado aqui de tecno-imaginação. Assim, o esquema sugere que se elaborarmos a nossa tecno-imaginação, poderíamos escapar ao futuro pós-histórico que os aparelhos parecem estar preparando.

As tecno-imagens que cercam atualmente a nossa existência por todos os lados, que devoram textos inflados e vomitam programas a programarem nossas vidas, que ameaçam transformar-nos de atores agentes na História em funcionários programados em função do aparelho, não são dados da fatalidade, mas são feitas por homens. São resultados de tecno-imaginação incipiente. Como os textos no início da nossa história, os Dez Mandamentos inscritos nas tábuas sináticas ou as leis inscritas nas doze tábuas romanas não eram dados divinos, mas foram escritos por homens. Os israelitas caíam de joelhos ao receberem os mandamentos, e em Roma as palavras ameaçadoras eram lidas do bronze eterno. Mas esta não era a atitude apropriada para receber a mensagem escrita. A estratégia correta teria sido a de aprender a arte da leitura, o que implica a arte do pensamento discursivo. Algo comparável está ocorrendo atualmente. Não é de boa estratégia adorar as tecno-imagens, nem revoltar-se contra elas. Mais correto é tentar aprender a arte de fazer e de decifrar tecno-imagens, o que implica a arte de ultrapassar o discurso pela tecno-imaginação. Se os antigos tivessem aprendido a ler e escrever, teriam evitado a manipulação milenar pelo clero. Se não aprendermos a manipular tecno-imagens, não evitaremos o domínio exercido por burocratas e programadores.

Este artigo se enquadra no corpo de uma revista nova. Os produtores da revista convidaram o autor a fazer o artigo conhecendo as opiniões que nele estão sendo expressas. De forma que é razoável supor que ela visa não programar ainda mais os seus leitores, mas despertar neles a capacidade de tecno-imaginação. Prova adicional deste propósito é a maneira pela qual o artigo está sendo publicado: em dialética com tecno-imagens. Mas tal intenção restará puramente platônica se não contar com a colaboração de seus leitores, pois o significado de toda mensagem se realiza, não na emissão nem no canal, mas na sua recepção. É no método pelo qual este artigo (e a revista toda), será recebida que reside a chave do problema aqui exposto. Se o artigo for recebido em atitude consumidora, terá sido apropriado pelo aparelho. Se for recebido em atitude de tecno-imaginação, terá tido o significado que pretende ter. Este artigo é experiência que requer a colaboração de todos os envolvidos. Colaboração indispensável se o aparelho totalitário e produtor de tecno-imagens é para ser evitado na undécima hora.



Vilém Flusser é professor de Filosofia e Comunicação. Gosta de cinema e de jogar paciência. É autor de "A História do Diabo"